



João-Luís de Medeiros

Assim que entrámos no limiar do século XXI, resolvi interromper sine die o hábito velho de um quarto de século de comentar o quotidiano político de cá e de lá.

Ora como em política não há promessas de amor nem juras de ódio, vimos desta feita a terreiro apenas para dar de beber ao "vício" do dever cívico de participar no debate corrente. Não se trata de vir a terreiro quebrar uma promessa de silêncio voluntário.

Nada disso. As verdades abafadas provocam na pele ética de quem escreve uma espécie de "urticária" psico-moral.

Estou apressado: não me demorei para além do necessário. Estou provisoriamente convencido de que o debate sobre o futuro da Europa parece em vias de ultrapassar a decorrente fase imberbe entre os delfins da opinião oficiosa para se concentrar no fortalecimento dos alicerces constitucionais que irão suportar o peso do seu destino global. Para além da meta-comum da soberania-mór das multinacionalidades ofendidas, a Nova Europa Conferada é uma espécie de "commencement" político para uma experiência civilizacional em trânsito, que se desejaria criativamente inacabada, porque não necessariamente circunscrita ao euro-centrismo franco-alemão.

2 - Em Julho passado, tive o enorme gosto de (re)visitar o nosso querido Portugal (Madeira & Açores, inclusivé). Ora como não tenho feito para me passear na vida como turista-fotógrafo, limitei-me a falar com pessoas representativas de várias gerações, sobretudo ouvir atentamente os seus "desabafos". Confesso que por vezes me vi "grego" para aturar alguns dos meus compatriotas nas do-

## Memorandum

# Pecados & Recados Políticos

lorosas discussões futebolísticas alusivas às competições europeias. Mas nunca me senti cansado: o modo como cultivam o verbalismo criativo das suas ficções; o fervor como rezam, o estilo gaiato como atizam as suas brigas; o encanto como a juventude se narcisa e se beija amorosa e perdidamente, sem constrangimentos, em qualquer recanto desse Portugal que, modestamente, também ajudámos a libertar... tudo isso me fez bem.

3 - Salvo melhor entendimento, as regiões autónomas atlânticas continuam institucionalmente serenas, apesar de distraídas pela "comicidade" cíclica eleitoral. Seria gratificante alertar a nefasta tendência de arrastar "as ilhas" para a tal franja institucional da periferia geo-política-afro-atlântica. Well, bem sei que o mundo é redondo, mas as distâncias institucionais têm custos de insularidade.

4 - Dir-se-ia que, em Portugal, os grandes empresários, os políticos, os grandes armazenistas da cultura, e outros ditos "donos" do destino dos povos, porventura na pressa boçal de ostentar decorações e medalhas, esquecem-se de que antes da imposição da "medalharía" teria de haver o heroísmo a premiar e a excelência do serviço público a distinguir; e, finalmente, insistir para que "outras" estradas e mais pontes sejam igualmente "rasgadas" na cabeça e na mente dos cidadãos, através duma política de educação permanente, democrática, aberta e global...

5 - No caso do fenómeno madeirense, andamos há anos à espera de que o cais de embarque para a despedida doirada do seu "eterno" presidente fique concluído ainda em tempo útil; isto para contornar a castiça incomodidade de ser "sua eternidade", o le-

ader da Madeira, ter de pugnar pela assinatura do apetecido decreto da própria substituição.

6 - Nos Açores, a Administração Carlos César está para ficar mais quarto anos; resta dizer que o dirigente açoriano merece levar novamente a sua "cruz" da vitória ao palácio de Santana; alias, é cavalheiro suficientemente avisado para não seguir (ou copiar) o trilho que o fogoso governante madeirense vem há décadas pisando no dorso duma ilha de beleza ímpar de duma atonia política singular. Por outro lado, pelo que nos pareceu, o jovem e promissor dirigente socialista Vasco Cordeiro já começou a arquivar os seus cálculos políticos, prudentemente conferidos, com o tempo e calma requeridos, mormente numa região (como a açoriana) em que os partidos políticos têm pejo histórico da sua ancestralidade militante...

7 - Para os que cultivam a humildade inteligente de ir politicamente a pé em busca

do sucesso merecido, gostaria de relembrar o seguinte: nos meios pequenos, a excessiva personalização da liderança política só faz algum sentido na medida em que o grau de maturidade cívica do respectivo eleitorado ainda se encontre manifestamente carecida de protecção paternalista... Se este raciocínio está correcto, dir-se-ia que nessas circunstâncias, as comunidades atlânticas (a madeirense mais do que a açoriana) continuam ainda psico-politicamente dependentes duma liderança vincadamente personalizada... factos que acicatham o imperativo de registar alguns dos pecados & recados políticos do tempo que passa...

Rancho Mirage, California



Chrys Chrystello\*

## Digo basta, em nome de nós, os velhos que querem isolar

Pertenço a essa peste grisalha que todos parecem querer isolar agora até ao momento da despedida final.

Já vivi guerras, mais do que consigo enumerar, intervenções do FMI, Banco Mundial, Troicas, ditaduras, arremedos de democracia, censura e aspirações de liberdade com fascistas, comunistas e outros.

Estive para morrer aos dois anos de idade e noutras ocasiões depois disso. Tive problemas de saúde física e mental, casamentos, divórcios, separações e mais complicações, tive filhos e netos. Já trabalhei, desertei, fiz uma guerra colonial e toda a minha vida programada foi desprogramada e tive de recomeçar do zero algumas vezes.

Fui muito infeliz e também fui feliz, dias bons e maus, já me reformei e voltei a trabalhar, tive empregos que eram uma seca e outros de que gostei, já escolhi o que fazer só por gosto, fiz asneiras e paguei

por elas, desaprendi e voltei a aprender. A minha vida, que foram muitas, não se resume aos livros que escrevi, aos projetos que concluí, aos sonhos que ainda alimento e às partilhas de tudo o que vivi.

E querem agora encafiar-me em casa para me proteger??? Vão à pata que vos pôs, pois isso nunca tolerarei. Quero gozar o que me resta de dias como todos os outros, sair, viver, ir à praia e aos museus, restaurantes e concertos e agradeço penhoradamente, mas não assinei nenhum termo de responsabilidade a autorizar este ou qualquer governo, estado, EU ou o raio que vos parta, para decidirem por mim. Ainda não estou nem senil nem demente para que outros decidam por mim, e prezo demasiado a minha liberdade individual, pela qual lutei afincadamente toda a vida, para que outros decidam por mim, nisto de democracias guiadas e outras situações semelhantes lamento mas nem o Suharto na Indonésia

conseguiu...

Seja SARS-Cov2, seja quem vocês quiserem, mas recuso e recusarei o direito à liberdade de movimentos como recuso restrições à liberdade de pensar e de me expressar. BASTA! Nem vocês nem ninguém sabem mais e melhor do que eu. Os riscos que quiser correr nos dias que me restam são da minha exclusiva conta, nem sou idoso, nem idiota, sou uma pessoa com mais experiência de vida e conhecimentos do que os bardamerdas e badamecos que me querem dar ordens agora.

Entre os velhos jarretas e pessoas de mais idade com estilo garanto-vos que este país não é para velhos.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association-MEEA]